

A PRÁTICA COMO COMPONENTE CURRICULAR NA LICENCIATURA EM CIÊNCIAS BIOLÓGICAS: INOVAÇÃO OU CONTINUISMO?

João Vicente Alfaya dos Santos

PALAVRAS-CHAVE: prática como componente curricular, racionalidade técnica, formação de professores

A pesquisa sobre a formação de professores mostra que há uma constante tensão entre autoridades políticas ligadas à educação, especialistas acadêmicos e comunidades escolares (VILLANI; PACCA; FREITAS, 2002), sendo que cada um dessas partes apresentam demandas específicas que, muitas vezes, colocam os professores em situações conflituosas. Tantas são as ambivalências envolvidas nos processos formativos e na prática dos professores que Charlot (2008) chamou-os de trabalhadores da contradição. No quesito formação de professores, o que predominou no Brasil ao longo do século passado foi o modelo baseado na racionalidade técnica (MONTEIRO, 2001; AYRES, 2005; TERRAZAN *et. al.*, 2008; SAVIANI, 2009).

Buscando a superação desse modelo de formação, o Conselho Nacional de Educação, através da resolução CNE/CP 9/2001 e do parecer CNE/CP 1/2002, pretendeu articular a formação pedagógica concomitantemente às disciplinas de conteúdos específicos. Essas atividades, então, passaram a compor obrigatoriamente os currículos dos cursos de licenciatura, integrando a atividade prática docente ao longo de toda a graduação. São as chamadas práticas como componentes curriculares (PCC).

Este trabalho busca relatar a experiência que está sendo desenvolvida na disciplina de Evolução. Essa disciplina é considerada por muitos especialistas e por documentos oficiais como unificadora da Biologia, um eixo condutor para o ensino. É ministrada na terceira fase do curso e possui 09 horas de PCC. Todavia, nesta fase os alunos não tiveram ainda nenhuma disciplina de caráter pedagógico, o que coloca novas dúvidas/tensões em jogo: o que se pode produzir sem um suporte teórico? O que e como avaliar essas atividades? O que propor para que os alunos façam e reflitam sobre esse fazer?

Como bolsista REUNI, sabendo desses condicionantes para a realização de uma prática mais reflexiva, propus que os alunos entrevistassem alunos da graduação que ainda não cursaram a disciplina de Evolução assim como professores que atuam no Ensino Médio sobre as dificuldades em ensinar/aprender esse conteúdo. Com base nesses questionários, propus aos alunos que desenvolvessem, de forma espontânea, sequências didáticas visando superar as dificuldades encontradas. Dessa forma, eles adentram, ainda que de forma incipiente, no universo da pesquisa em ensino de Ciências. Foi solicitado também aos alunos que, ao final da disciplina quando apresentarem as sequências elaboradas, entreguem um relatório crítico sobre a experiência da PCC, com reflexões sobre as dificuldades encontradas pelos professores e alunos. Os dados desses relatórios serão analisados futuramente o que proporcionará novos olhares e possibilidades para uma discussão mais crítica sobre a PCC da disciplina de evolução.

Dados esses condicionantes que tornaram inviáveis quaisquer aprofundamentos teóricos para uma prática educativa (concepção de homem, finalidades políticas da educação, o papel da educação na sociedade) mais crítica, a experiência realizada nesse semestre levantou mais dúvidas do que esclarecimentos: o quão válido é propor atividades como as PCC para alunos que ainda não tiveram nenhum contato teórico com aspectos pedagógicos e que, muitas vezes, não obtém o devido retorno reflexivo sobre as suas práticas? Não se estaria disseminando certo espontaneísmo e reforçando aspectos do

senso comum (CARVALHO; GIL-PÉREZ, 2011) sobre a atividade docente? Ademais, a proposta de práticas curriculares distribuídas ao longo da formação inicial está, efetivamente, modificando as formas de ensinar e de aprender dos futuros professores? Ou, ao contrário, ocorreu apenas uma transposição do modelo da racionalidade técnica para o interior de cada disciplina uma vez que pouco se discute a respeito de aspectos pedagógicos dessas atividades?

REFERÊNCIAS:

AYRES, Ana Cléa Moreira. As tensões entre licenciatura e bacharelado: a formação de professores de Biologia como território contestado. In: MARANDINO, SELLES, FERREIRA, AMORIM. (orgs.). **Ensino de Biologia: conhecimentos e valores em disputa**. Niterói: EDUFF, 2005.

BRASIL. Parecer CNE/CP 09, 08 de Maio de 2001 - Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação de Professores da Educação Básica, em nível superior, curso de licenciatura, de graduação plena. Relatora: Raquel Figueiredo Alessandri Teixeira. **Diário Oficial da União**, Brasília, 18 Jan. 2002, Seção 1, p.31, 2001b. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/009.pdf>>. Acesso em: 18 nov. 2012.

BRASIL. Resolução CNE/CP 01, de 18 de Fevereiro de 2002 – Institui Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação de Professores da Educação Básica, em nível superior, curso de licenciatura, de graduação plena. **Diário Oficial da União**, Brasília, 09 Abr. 2002, Seção 1, p. 31, 2002b Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/rcp01_02.pdf>. Acesso em: 20 nov. 2012.

CARVALHO, A.M.P.; GIL-PÉREZ, D. **Formação de professores de Ciências: tendências e inovações**. São Paulo: Cortez, 2011.

CHARLOT, Bernard. O professor na sociedade contemporânea: um trabalhador da contradição. **Educação e Contemporaneidade**, v. 17, n. 30, p. 17-31, 2008.

MONTEIRO, Ana Maria. A prática de ensino e a produção de saberes na escola. In: CANDAU, Vera Maria (org.). **Didática, Currículo e Saberes Escolares**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

SAVIANI, Dermeval. Formação de professores: aspectos históricos e teóricos do problema no contexto brasileiro. **Revista Brasileira de Educação**. v. 14, n. 40, jan./abr. 2009.

TERRAZAN, E. A.; DUTRA, E.F.; WINCH, P.G.; SILVA, A.A. Configurações curriculares em cursos de licenciatura e formação identitária de professores. **Rev. Diálogo Educ.**, Curitiba, v. 8, n. 23, p. 71-90, jan./abr. 2008.

VILLANI, A.; PACCA, J. L. A.; FREITAS, D. Formação do Professor de Ciências no Brasil: Tarefa impossível? In: **EPEF**, 8, 2002, São Paulo. **Atas...** São Paulo: Sociedade Brasileira de Física, 2002. CD-ROM.